

## Apresentação

No presente número, a Revista *Civitas Augustiniana* publica três artigos sobre o conceito de beleza e um outro artigo, sobre o conceito de amor e de justiça. Centram-se portanto os artigos aqui publicados, na análise de conceitos fundamentais da filosofia – beleza, justiça e amor – analisados desde a perspectiva de Agostinho de Hipona.

No seu artigo sobre «O Amor como fundamento da Justiça em Agostinho de Hipona», Diana Couto analisa a relação entre ambos os conceitos e mostra como eles estão na base da conceção ético-política e, até, religiosa, da tensão entre as duas cidades, tal como Agostinho as descreve na sua magna obra.

O artigo de Luís Evandro Hinrichsen, «A experiência estética segundo Santo Agostinho. Beleza, Unidade, Conversão e Transcendência» é um longo ensaio sobre o conceito de beleza em Agostinho, onde o autor mostra como a experiência estética é itinerário para a transcendência, cujo fim é a contemplação e o amor ao belo supremo. Luís Evandro revisita aqui uma temática da sua eleição e mostra, com originalidade, que este itinerário de Agostinho por meio das beleza criada até ao seu cume supremo, o criador, leva implícita a responsabilidade pelo cuidado da criação.

Ricardo Evangelista Brandão escreve sobre «O papel do *numerus* na beleza sensível em Santo Agostinho», recordando a matriz pitagórica da conceção de harmonia presente na teoria da beleza explanada por Agostinho. O autor mostra também como esta teoria permite a Agostinho associar a beleza e o número na ascensão da mente para a descoberta da unidade na multiplicidade, elevando-se assim ao uno inteligível.

O artigo de Romain Olivier Valentino, «A teoria da arte de Francisco de Holanda. Entre criação pictórica e pintura criadora», analisa um caso particular na história da pintura que é a obra do pintor português Francisco de Holanda. Nesta evidenciam-se influências de matriz neoplatónica, associadas a uma teoria da criação de modelo cristão. A discussão entre académicos acerca das influências que a obra de Holanda, sobretudo a sua teoria da pintura descrita no «Da Pintura Antiga», é

infindável, por motivos que Romain Valentino justifica. Uma vez que é possível encontrar alguns elementos de convergência entre a teoria da criação e da percepção do mundo transcendente, em Agostinho, e a doutrina elementar sobre a origem da pintura expressa por Holanda, quisemos aqui publicar o artigo de Romain Valentino sobre a origem da pintura em Francisco de Holanda.

Em tradução portuguesa, no apartado correspondente, este número da Revista oferece a edição da Carta 3, a Nebrídio, do epistolário agostiniano. Redigida no período que antecede o batismo, em Cassiciaco, a carta deixa transparecer aspetos sobre o estado de espírito de Agostinho nesta fase da sua vida mas é sobretudo reveladora de uma forte presença de elementos neoplatónicos e neopitagóricos na *forma mentis* do hiponense neste período.

Em recensão crítica de Nilo Silva, publica-se a análise de um estudo recentemente editado no Brasil sobre o *De trinitate* de Agostinho.

Finalmente, introduzimos neste número um novo item que pretende dar conta das publicações recentes, editadas sobretudo – mas não exclusivamente – em português, seja no Brasil seja em Portugal, de e sobre Agostinho de Hipona.

*Paula Oliveira e Silva*